

PERSPETIVAS

Debate sobre temas fundamentais
em morfologia urbana

A análise morfológica urbana: chegadas da escola Catalã

Cándido López e María Carreiro, Escola Técnica Superior de Arquitectura, Campus da Zapateira, 15071 - A Coruña, Espanha. E-mail: candido.lopez@udc.es

A definição dos elementos constituintes dos tecidos urbanos adquire na época contemporânea uma lógica autónoma de estudo (Norberg-Schulz, 1979), cuja complexidade está presente no reconhecimento das diferentes estruturas morfológicas (Panerai *et al.*, 1983). Esta singularidade implica identificar em sucessivas aproximações as características que possuem. O processo de análise, desenvolvido sistematicamente, permite esta aproximação, ao exteriorizar os componentes básicos que os configuram.

Dos diversos métodos analíticos existentes que explicam a forma urbana, reconhece-se um método, ‘desdobrado’ do campo da arquitetura, centrado na cidade real e nas estratégias para a sua construção. Este método, devedor da figura do arquiteto Manuel de Solà-Morales i Rubió, é identificado como ‘Escola Catalã’, porque como explica Nuno Portas (1997, p. 7): *A transmisión do saber, no caso de Manuel de Solà-Morales, fixose continuamente nun ambiente de Escola – e non tanto por manualística ou proxectos individuais de excepción –; quizais por iso poidase falar hoxe dunha ‘segunda escola de Barcelona’.*

O personagem central e o território de Barcelona

Manuel Solà-Morales i Rubió (Vitoria-Gasteiz, 1939 – Barcelona, 2012), arquiteto e licenciado em Ciências Económicas, foi professor catedrático na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (ETSAB), desde 1968. Fundou e dirigiu o Laboratório de Urbanismo de Barcelona (LUB), grupo de investigação sobre morfologia urbana e formas de crescimento.

Filho e neto de arquitetos, Solà-Morales tomou conhecimento do valor das artes plásticas desde os primeiros passos. Arquitetura, escultura e pintura estavam presentes na casa da família Solà-Morales em Olot (Garrotxa), um edifício inventariado como bem cultural de interesse nacional. Depois de terminar os estudos de arquitetura em Barcelona, completou a sua formação com duas estadias no exterior entre 1963 e 1965. Em setembro de 1963, Solà-Morales começou a trabalhar no estúdio de Ludovico Quaroni em Roma. De Quaroni tomou ‘emprestadas’ duas ideias para intervir na cidade: a transferência das formas da arquitetura para a forma urbana, e a utilização da escala intermédia. Posteriormente, entre 1964 e 1965, completou o curso de projeto urbana na escola de desenho da *Harvard University*. A relação com Josep Lluís Sert, decano desta escola, levou-o a internalizar o conceito de ‘desenho urbano’ como uma síntese entre arquitetura e planeamento.

Estas influências, juntamente com o

compromisso com os problemas concretos de um território, levaram-no a realizar estudos empíricos sobre Barcelona e sobre os municípios vizinhos. Nos primeiros anos da década de 1970, Solà-Morales realizou uma primeira formulação das formas de crescimento urbano, que iria aprofundar nos anos seguintes. O texto *Las formas de crecimiento urbano* tornou-se uma referência nas escolas de arquitetura espanholas (Suárez *et al.*, 2015) e ibero-americanas. Nesse texto preparou um modelo teórico referente à evolução de Barcelona.

Fundamentos teóricos

O interesse pelo modo como se construía o espaço urbano e pela análise das forças concomitantes, estão patentes no estudo do papel do planeamento, das relações entre o processo e a tipologia morfológica, da regulamentação urbana e das normas legais como expressão do modelo de cidade que se deseja construir, e da teoria do planeamento urbano. Solà-Morales (1987) promoveu investigações empíricas centradas no estudo da morfologia urbana e das formas de crescimento da cidade, na teoria e prática do projeto urbano, e estabeleceu uma análise baseada nos pontos que se seguem:

i) O conhecimento metodológico da profissão de arquiteto: observação e avaliação das estruturas formais, capacidade de relacionar imagem e funcionamento, e atitude formal projetiva. Além disso, considera-se que o estudo histórico do desenvolvimento da cidade, através dos aspetos morfo-tipológicos, revela diversas relações entre as diferentes formas de crescimento desencadeadas pelas forças sociais. A interação entre morfologia e conteúdo social coloca as técnicas de ordenamento físico nos processos do crescimento de construção e de gestão (Solà-Morales, 1974).

ii) A oposição à interdisciplinaridade. Ainda que se reconheçam as dimensões sociais, económicas, geográficas, culturais e históricas no urbanismo dos anos 70 e início dos anos 80, para os arquitetos era necessário o desenvolvimento de uma análise urbana específica da própria disciplina, que visasse um objetivo claro, a projeção urbana.

iii) O reconhecimento do facto urbano. Procura sustentar uma certa autonomia do processo de urbanização, vinculando-o a ideias formais de iniciativa local não especificamente geográficas, económicas e sociais, desconfiando da cadeia clássica industrialização-migração-urbanização.

iv) O discernimento entre as formas das infraestruturas e as formas do parcelamento, para completar e aprofundar na dualidade morfológica-

tipologia explorada por Aymonino (1966). A independência das formas infraestruturais reconhece-se, pelo menos, nos traçados viários, nas redes de serviços urbanos e nos nós de comunicação.

v) O estudo do fenómeno urbano por partes, considerando a análise como uma parte essencial da projeção urbana. Arquitetura e planeamento urbanístico convergem numa prática baseada na realidade.

Ferramentas e processos das formas urbanas

Propõe-se a explicação do artefacto urbano através das chamadas unidades de forma, que proporcionam uma interpretação ‘física’ da sua estrutura formal. Identificam-se seis unidades de forma: parcelas, quarteirões, vias, espaços livres e zonas verdes, equipamentos e tipos residenciais. Cada uma é abordada através de uma série de descritores: cinco para cada unidade. Assim, são 30 os descritores que devem ser desenvolvidos no processo analítico que leva ao projeto urbano.

Relativamente às parcelas temos o número e as dimensões das frentes, a magnitude da profundidade, a relação geométrica entre frente e profundidade, a superfície e a utilização. Os quarteirões explicam-se pelo número e dimensões dos seus lados face ao espaço público, a superfície, a forma geométrica, o modelo de parcelamento e a utilização. O viário descreve-se através da pertença ao sistema geral ou local, a relação geométrica e os componentes da sua seção transversal, os tipos de vias, o modelo de traçado e da sua construção. Do mesmo modo, os espaços livres e zonas verdes confrontam-se com a distinção entre sistema geral ou local, a interconectividade em rede, a inclusão em praças ou em áreas verdes, os usos e a construção. Os equipamentos, elementos catalizadores ‘primários’ segundo Rossi (1982[1966]), concretizam-se mediante a sua classificação como um sistema geral ou local, a superfície da sua parcela, o índice de ocupação, os usos e os modos de posição ou ocupação. Por seu lado, os tipos residenciais concretizam-se na classificação básica de habitação unifamiliar ou multifamiliar, o plano de conexão com a rua, os componentes da sua fachada, as peças de comunicação e as peças de iluminação e ventilação.

Esta série analítica de descritores das unidades de forma constitui as três formas estruturais urbanas básicas: a morfologia do solo, a infraestrutura da rede viária e da distribuição de serviços, e a tipologia na construção de edifícios. Cada uma associa-se, respetivamente, aos três principais processos de construção e gestão da forma urbana: parcelamento, urbanização e

edificação (Solà-Morales, 1997). Em tudo isto, por outro lado, deve ser incorporada a topografia, a acessibilidade, propriedade, a coexistência de diferentes formas e o tempo, o principal material de construção da cidade.

Conclusões

Em síntese, as contribuições que a escola Catalã incorpora no processo analítico do facto urbano concretizam-se nos seguintes aspetos: i) considera a intervenção do arquiteto urbanista face ao planeador técnico; ii) opta pela autonomia dos ramos do conhecimento, com especialização e profundidade em cada campo de modo singular, face à interdisciplinaridade; iii) propõe uma explicação do micro (económico e urbanística da realidade local), face a uma explicação macro (cadeia industrialização-migração-crescimento); iv) distingue as formas do parcelamento e as formas infraestruturais na morfologia, e incorpora no parcelamento e na edificação uma categoria adicional, que completa a compreensão da cidade: a urbanização, face à dualidade morfo-tipológica, como explicação do fenómeno urbano; v) incorpora a variável tempo no processo de gestão da urbanização, face à omissão da gestão temporal; vi) aborda as três categorias ou níveis das formas urbanas, parcelamento, urbanização e edificação, mediante seis unidades de forma, através de uma série de descritores, face à informação urbanística de 'dados'; e, por fim, vii) propõe a ideia do projeto urbano como a solução mais apropriada, relacionando a construção

do edificado com os traçados urbanos, face às respostas que mantêm a dicotomia plano-projeto.

Referências

- Aymonino, C. (1966) 'La formazione di un moderno concetto di tipologia edilizia' em Fabbri, G. (ed.) *Rapporti tra la morfologia urbana e la tipologia edilizia: Documenti del corso di caratteri distributivi degli edifici. Anno accademico 1965-1966* (CLUVA, Veneza).
- Norberg-Schulz, C. (1979) *Intenciones en Arquitectura* (Gustavo Gili, Barcelona).
- Panerai, P., Depaule, J. C., Demorgón e M., Veyrenche, (1983) *Elementos de análisis urbano* (IEAL, Madrid).
- Portas, N. (1997) 'Presentación a la edición en castellano', em Solá-Morales i Rubió, M. *Las formas de crecimiento urbano* (Edicions UPC, Barcelona).
- Rossi, A. (1982[1966]) *La arquitectura de la ciudad* (Gustavo Gili, Barcelona).
- Solá-Morales i Rubió, M. (1974) *Las formas del crecimiento urbano. Programa de Urbanística I*, Laboratorio de Urbanismo, Monografía nº 6. 17 (ETSAB, Barcelona).
- Solá-Morales i Rubió, M. (1987) 'La segunda historia del proyecto urbano', *Revista UR*, 5, 21-7.
- Solá-Morales i Rubió, M. (1997) *Las formas del crecimiento urbano* (Edicions UPC, Barcelona).
- Suárez, X. L., Lopez, C., Mosquera, V., Revilla, A. e Fontan, C. (2015) 'Análise urbana na ETSA da Coruña', *Revista de Morfologia Urbana* 3, 80-2.

As cidades na história: as ideias e sua influência na forma urbana

Deborah Schirmer, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Rua Imaculada Conceição 1155, Prado Velho, 80215-901 Curitiba PR, Brasil. E-mail: dhschirmer@gmail.com

As cidades, ao longo da história, foram adquirindo singularidades no que diz respeito ao perfil de conformação da forma urbana de cada local. Esse processo pode ocorrer de modo planejado ou espontâneo, onde o dinamismo do desenvolvimento e do crescimento são constantes. Reflexos da experiência de determinadas cidades frequentemente servem de influência para outras, sendo esse fenómeno denominado circulação de ideias.

A circulação de ideias é um dos aspectos centrais no estabelecimento da comunicação,

podendo ser considerada um dos traços mais importantes da história cultural, intelectual, científica e tecnológica (Scazzieri e Simili, 2008), destacando-se também na história das cidades.

As ideias, no contexto da gestão e planejamento urbanos, viajam por meio de culturas, tempo e espaço. Fluem de um local para outro e com isso carregam conceitos, técnicas e instrumentos (Healey, 2011) ora mantendo a sua integridade original, sendo apenas replicadas em outros espaços, ora adaptando-se às novas áreas de destino (Healey e Upton, 2010), em

consequência, aumentando ou diminuindo o plano, usabilidade, confiabilidade, entre outros aspectos (Howlett e Morgan, 2001). Essa característica está diretamente relacionada com a forma que as cidades adquirem.

Há vários séculos, muito antes do surgimento da internet, livros e ideias já circulavam por todo o mundo (Morais, 2014). Concepções e ideias sobre desenvolvimento e planejamento, formulados em contextos específicos, sempre ultrapassaram as fronteiras nacionais (Chiquito, 2016).

A cidade de Palmira, localizada na Síria, no século II d.C, adaptou as ideias e práticas romanas de como seria uma grande cidade em seu centro comercial. Pedro, o Grande, no século XVIII, utilizou-se dos modelos da Europa Ocidental para projetar e fundar São Petersburgo. Em meados do século XIX os regimes coloniais, da era dos impérios, promoveram ideias enérgicas do modo que as cidades deveriam ser estabelecidas e como os direitos de propriedade e as terras urbanas deveriam ser organizados, deixando o legado para muitos países que ainda se utilizam dessas práticas. Esses fluxos transnacionais, nos dias de hoje, podem seguir diversos padrões (Stone, 2004; Ward, 2002).

Muitas das ideias relacionadas ao planejamento, inicialmente, originam-se e são documentadas no hemisfério Norte e, posteriormente, são transferidas para outras partes do mundo, através de publicações, especialistas internacionais e acadêmicos. Todavia, os pressupostos, os quais encontram-se ocultos, geralmente não são transferidos juntamente (Watson, 2002). Em decorrência disso, os países, principalmente os localizados no hemisfério Sul, frequentemente têm acesso e conhecimento incompleto das ferramentas utilizadas para coordenação, necessárias para a compreensão de maneira mais abrangente das políticas urbanas. Isso faz com que o intercâmbio de conhecimentos e melhores práticas entre diferentes contextos seja incompleto e imprevisível (Harris e Moore, 2013).

O planejamento, expansão urbana e consolidação da arquitetura moderna do século XX na América Latina, são concebidos a partir desse vínculo com as teorias e realizações formuladas e desenvolvidas principalmente na Europa. Contudo, as realidades entre estes continentes são distintas por uma série de fatores como, por exemplo, históricos, políticos, sociais, climáticos e topográficos. Há entendimento de que esse processo é resultado de uma condição de submissão determinada nas relações de influência cultural, artística e arquitetônica (Morais, 2014).

Devido ao valor atribuído à cultura europeia, ao final do século XIX, a França, Inglaterra e

Alemanha estavam entre os principais exportadores de ideias relacionadas às cidades em nível global (Choay, 2013 [1965]). Diversos urbanistas, principalmente franceses, foram convidados a desenvolver projetos para cidades da América Latina. Essa prática teve sua primeira experiência no ano de 1818, onde, oito anos após a transferência da coroa portuguesa para o Brasil, com o propósito de auxiliar a corte real portuguesa a 'dignificar' a cidade do Rio de Janeiro, então sede do império, recebeu-se o francês Grandjean de Montigny (Morais, 2014).

As teorias urbanísticas do final do século XIX e início do século XX estão refletidas na forma das grandes metrópoles latino-americanas, como São Paulo, Belo Horizonte, Caracas, Bogotá, Havana, Buenos Aires, Cidade do México e Santiago, onde os traçados das áreas centrais acomodam e evidenciam essas concepções, caracterizando fortemente essa imagem urbana. Em contrapartida, significativa parte do restante desse território padeceu com massivas expansões posteriores (Morais, 2014).

Para o caso específico brasileiro, destaca-se o aporte de figuras internacionais como Alfred Agache no Rio de Janeiro, com o plano de extensão, embelezamento e remodelação, além de conferências sobre urbanismo, elaborando também planos e atuando como consultor para outras cidades (Carolo, 2002) e contribuições de Le Corbusier, com base no racionalismo funcional (Oliveira, 2002), o qual considerava que a arquitetura e urbanismo são indissociáveis, dispondo de sentido apenas se empregados de maneira integrada (Choay, 2013 [1965]), que teve sua passagem pelo Brasil em 1929 e em 1936, quando fez 'explodir' a arquitetura moderna brasileira (Harris, 1987).

A expressão embelezamento urbano, até à década de 40, foi a mais utilizada quando se tratava de administração municipal, planejamento este que enfatizava a beleza monumental e que influenciou todo o mundo, refletindo na imposição de novos valores estéticos, criando uma nova fisionomia arquitetônica para a cidade (Deák e Schiffer, 2004 [1999]).

Entre os anos de 1930 e 1960, destacaram-se temas relacionados ao rápido desenvolvimento da urbanização, movimentos favoráveis da economia, expansão da industrialização e presença marcante do Estado através de grandes investimentos públicos de caráter social (Gomes, 2009).

Nos anos 60 a América Latina começou a ganhar notabilidade internacional. Os estudos preocupavam-se mais com os aspectos sociais relacionados à urbanização, pois pesquisadores de várias origens focam a discussão e procura de soluções para os desafios resultantes da

urbanização acelerada, como migrações, pobreza e desenvolvimento. Ao contrário do período colonial, mais semelhanças puderam ser observadas dentro do continente, o que justifica o fato da busca de soluções comuns para esse território (Gomes, 2009). Também nessa década começou a ocorrer a verdadeira explosão urbana, sendo consequência da especulação imobiliária, sem um planejamento que atendesse a todos os problemas e com pouco controle estatal (Morais, 2014).

Nas últimas décadas, os efeitos decorrentes dessa rápida expansão e da desigualdade social tornam ainda mais complexos o enfrentamento desses problemas, instigando aos urbanistas atuais a refletir sobre novas alternativas de planejamento, controle e intervenção urbanas que atendam a essa nova dinâmica urbana (Oliveira, 2002).

Atualmente, a velocidade e facilidade com que as ideias fluem parece ter aumentado devido às características de globalização e interconexões entre os países. Essas ideias estão relacionadas com o modo que os lugares poderiam e deveriam ser e o modo de desenvolvê-los e gerenciá-los. Todavia, há importância de atentar-se ao significado das resistências, contingências e adaptações, as quais dão aceções e impacto a essas ideias quando elas se assomam em determinado local (Stone, 2004; Ward, 2002).

Healey (2013) sugere que há algo distinto sobre o fluxo de ideias e práticas de planejamento no período atual. Ressalta que essa facilidade possa acarretar a replicação e intensificar o turbilhão de políticas rápidas, o qual estará buscando incessantemente a próxima tendência inovadora, sendo necessário um maior envolvimento reflexivo com a forma que o conhecimento urbano é construído, circula e é analisado.

Cabe ressaltar a importância de cada cidade ser percebida em sua história e compreender suas especificidades, cultura e necessidades, para assim, aplicar técnicas e soluções adequadas para cada realidade. Porém, o auxílio que a circulação de ideias proporciona na implantação de boas práticas não deve ser esquecido. Essa conduta é essencial para o desenvolvimento estratégico de cada cidade de modo a adiantar percepções de possíveis acertos e erros, além de identificar e apropriar-se de tendências. Todos esses aspectos em conjunto influenciarão e definirão a forma urbana de cada local.

Referências

- Carolo, B. (2002) 'Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo', Tese de Mestrado não publicada, U. F. do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Chiquito, E. A. A. (2016) 'John Friedmann: um expert em planejamento regional na América Latina', *XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, São Carlos, 13 a 15 de Setembro.
- Choay, F. (2013[1965]) *O urbanismo, utopias e realidades, uma antologia* (Editora Perspectiva, São Paulo).
- Deák, C. e Schiffer, S. T. R. (eds.) (2004 [1999]) *O processo de urbanização no Brasil*. (Editora da Universidade de São Paulo, Fundação para a Pesquisa em Arquitetura e Ambiente, São Paulo).
- Gomes, M. A. F. (ed.) (2009) *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo 1920-1960* (EDUFBA, Salvador).
- Harris, E. D. (1987) *Le Corbusier: riscos brasileiros* (Nobel, São Paulo).
- Harris, A. e Moore, S. (2013) 'Planning Histories and Practices of Circulating Urban Knowledge'. *International Journal of Urban and Regional Research* 37, 1499-509.
- Healey, P. (2011) 'The universal and the contingent: some reflections on the transnational flow of planning ideas and practices', *Planning Theory* 11, 188-207.
- Healey, P. (2013) 'Circuits of knowledge and techniques: the transnational flow of planning ideas and practices' *International Journal of Urban and Regional Research* 37, 1510-26.
- Healey, P. e Upton, R. (2010) *Crossing Borders: International exchange and planning practices* (Routledge, Londres).
- Howlett, P. e Morgan, M. S. (2001) *How well do facts travel? The dissemination of reliable knowledge* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Morais, P. H. A. (2014) *Cidade e arquitetura na América Latina em três tempos e alguns corolários norte-americanos: 1492, 1880, 1929*, Tese de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
- Oliveira, L. L. (ed.) (2002) *Cidade: história e desafios* (Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro).
- Scazzieri, R. e Simili, R. (2008) 'Preface and acknowledgments' em Scazzieri, R. e Simili, R. (eds.) *The migration of ideas* (Science History Publications, Sagamore Beach) vii – ix.
- Stone, D. (2004) 'Transfer agents and global networks in the transnationalisation of policies', *Journal of European Public Policy* 11, 545-66.
- Ward, S. V. (2002) *Planning the twentieth-century city: the advanced capitalist world* (John Wiley & Sons, Chichester).
- Watson, V. (2002) 'The usefulness of normative planning theories in the context of sub-Saharan Africa', *Planning Theory* 1, 27-52.